

BIARRITZZZ

por Amanda Carneiro

O avatarônimo de Beatriz Rodrigues reproduz a sonoridade tão presente na produção da artista, que mescla mídias e tecnologias ligadas ao universo da internet às suas expressões decorrentes, como os memes, gif's, álbuns sonoros e visuais, e vídeo-arte. Seus trabalhos dialogam com o rápido crescimento no uso da internet a partir dos anos 1990, sobretudo com a popularização da *World Wide Web* como interface catalizadora de novas linguagens e visualidades, criptografadas, fragmentadas e dinâmicas. Como vetor, esse espaço tão real quanto virtual, viabiliza reflexões em torno da corporeidade e da materialidade em meios digitais e imateriais, abrindo um campo interseccional com aquilo de ficção que há na presunção de discursos e cronologias que alimentam noções de cientificidade e linearidade.

No Centro Cultural São Paulo, sua exposição mobiliza o que tem mágico no simulacro, como se dissolver o que em tese fundamenta a noção de realidade permitisse a captura do presente, do frame, do instante. O movimento discrepante entre as possibilidades de individuação e o ritmo – repetitivo e circular – dos acontecimentos aponta para a ambivalência da linguagem ora como dispositivo de projeção – a exemplo do trabalho “Atravessar” (2016), gif em que a artista rompe com a quarta parede – ora como sequestro – como na instalação *Caminhei em sonho dormido caminhos de imensidão* (2021) em que a areia, como matéria do mundo concreto tão próxima do pixel, poderia ter sido produzida por uma impressora 3D.

Certa nostalgia é promovida pelas imagens pixeladas dos GIFs que também marcam as fissuras cada vez mais suprimidas pela alta-definição. O espaço expositivo, como uma espécie de câmara escura, reforça os focos de luminosidade das telas, tão estimulantes quanto sugestivas de certa convulsão que um deslocamento de certezas gera.

Vale mencionar que os trabalhos vistos na mostra encontram lastro numa reflexão conceitual: a prática de biarritzzz também enseja uma discussão sobre o potencial dos memes como ferramenta de comunicação, de ensino e de aprendizagem. Questões de sua prática artística a fizeram cunhar o termo “Pedagogia do meme”, compreendendo-o como uma sorte de vírus, sintético e elementar, capaz de propagar, como a menor partícula de informação da internet, mensagens que educam e que refletem um cultura singular ao ciberespaço com potencial de contribuição bem além das esferas da rede de computadores. Com humor, ironia, estética pop, web-art e um pouco de faça-você-mesmo tão caro aos artistas, nos vemos diante de um imaginário hipnótico e disruptivo, capaz de extrapolar as telas sem perder sua vinculação com a virtualidade.

